



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INFÂNCIA, FAZERES E APRENDERES NO COTIDIANO DA ESCOLA: O OLHAR DAS CRIANÇAS

Juliana Silva Almeida

José Wilson de Cerqueira Val Sobrinho

Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles

Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste

jualmeidascc@hotmail.com

jwilson653@hotmail.com

cgislane@terra.com.br

INTRODUÇÃO

O surgimento das instituições de atendimento a crianças aconteceu atrelado à construção do sentimento de infância. O sentimento de infância que conhecemos hoje não existia no passado e a criança, durante muito tempo, foi tratada como um adulto em miniatura. A partir do momento em que a infância passou a ter visibilidade, a criança começou a ser tratada de uma maneira diferenciada, sendo destinados a ela cuidados específicos. Porém, a concepção de criança que se constituiu foi de uma criança como um ser infante, que necessitava de cuidados e que era atendido especialmente numa perspectiva de falta.

No decorrer da história os conceitos de criança e infância passaram por modificações que, como aponta Pinto (1997, p. 43), “trata-se de uma realidade que começa a ganhar contornos a partir dos séculos XIV e XVII, embora só praticamente nos últimos 150 anos adquira, de fato, expressão social”. Nesse viés, surge no campo acadêmico pesquisas com crianças que as dão mais visibilidade. Diversas áreas como sociologia, história, educação, psicologia, filosofia, tem buscado captar as diversas concepções de criança e infância, existentes a partir das vozes das próprias crianças. Nessa nova abordagem a criança adquire a condição de sujeito, agente ativo e protagonista, a retirando assim, de uma condição de fragilidade e impotência em uma sociedade predominantemente adultocêntrica, onde, em geral, a descrição de tudo que envolve a criança parte dos adultos que a cercam.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A preocupação com as práticas desenvolvidas e o espaço destinado a infância dentro das instituições escolares é apontada por autores como Kramer (2006) e Brandão (2009), que enfatizam a necessidade de desenvolver na educação infantil e nos anos iniciais, práticas específicas que atendam às necessidades educativas da(s) criança(s) e da(s) infância(s) presentes neste espaço compreendendo que, intrínsecas a essas práticas estão as concepções de criança e infância, que são as mais diversas.

Nesse sentido, essa investigação surgiu a partir das reflexões impelidas das discussões do grupo de estudo e pesquisa sobre a infância e do desejo de compreender como as crianças estão enunciando, compreendendo e vivenciando a infância e a sua educação no contexto da educação infantil e também dos anos iniciais que, a partir da lei nº11.274/2006, tornou obrigatória a matrícula de crianças de seis anos de idade no 1º ano do Ensino Fundamental, transferindo também para esse nível de ensino a responsabilidade de lidar com uma educação voltada para a infância.

METODOLOGIA

Escolhemos como campo empírico dessa investigação as cidades de Taquaritinga do Norte e Santa Cruz do Capibaribe, abrangendo duas escolas: uma que atende apenas o Ensino Fundamental (Santa Cruz do Capibaribe) e outra (Taquaritinga do Norte) que, além do Ensino Fundamental, atende também o Ensino Infantil. As entrevistas foram realizadas com 29 crianças, sendo que destas, vinte frequentavam o 1º ano do Ensino fundamental e nove participantes do último ano do Ensino Infantil (pré-escolar 3).

Utilizamos como instrumento de coleta de dados entrevistas semiestruturadas, que foram realizadas com crianças - sujeitos da pesquisa - que constituíam o grupo de crianças da Educação Infantil e o Ensino Fundamental. De acordo com Sarmiento e Pinto (1997):

[...] o estudo das crianças a partir de si mesmas permite descortinar uma outra realidade social, que é aquela que emerge das interpretações infantis dos respectivos mundos de vida. O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou escurece totalmente. (SARMENTO E PINTO, 1997, p. 25)

Sendo assim, com base nas entrevistas, buscamos conhecer, a partir das vozes das crianças, o lugar da infância no cotidiano da educação infantil e do 1º ano do ensino fundamental, bem como os fazeres e os aprenderes que se encontram presentes nesses espaços. No que segue, trazemos uma primeira análise, considerando o caráter inconcluso da investigação.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados desse estudo indicaram diversos aspectos importantes no que se refere ao lugar da criança e da infância no cotidiano tanto da educação infantil como do primeiro ano dos anos iniciais. Dessa forma, no que se refere ao contexto da educação infantil, a organização das atividades representa um forte contributo para a constituição de um ambiente afirmativo em relação às crianças e suas infâncias.

Da análise deste aspecto, a saber: organização das atividades na educação infantil, pode-se inferir, a partir das falas das mesmas que, embora ocorra uma certa atenção aos interesses e motivações das crianças pelas docentes, por meio da presença, mesmo que de forma menor, de atividades lúdicas e encorajamento da experimentação, foi perceptível na fala das crianças a preocupação da professora com a preparação das mesmas para a transição da educação infantil para o ensino fundamental, com ênfase, sobretudo, em atividades relacionadas à alfabetização das crianças. Uma fala nos chamou a atenção quando a criança nos relatou, quando questionada sobre o que fazia na sala:

A gente escreve, a professora faz a gente aprender coisa legal, pra quando a gente ficar adulto a gente poder aprender sozinho. (criança 5)

Essa fala sugere que, apesar de ter a preocupação em desenvolver atividades lúdicas, como já foi citado, a concepção de infância que emerge a partir das falas e das situações vivenciadas é de uma infância passageira, uma fase da vida. Ou seja, é encarado em uma perspectiva cronológica. Nesse sentido, o espaço da Educação infantil é vivenciado como uma preparação para o Ensino Fundamental.

Ainda sobre o cotidiano dos alunos da educação infantil, quando perguntamos sobre o que elas mais gostavam de fazer na escola, todas responderam - quase que de forma unânime - que era a hora de brincar. A esse respeito, na Educação Infantil e nos anos iniciais, foram realizados alguns questionamentos, tais como:

1. Vocês costumam brincar aqui na escola?
2. Em qual espaço você brinca?

Sobre esses questionamentos as falas das crianças revelaram que, no geral, o brincar encontra-se presente nas instituições de ensino, porém, sobre o espaço para essa brincadeira na fala das crianças do Ensino Fundamental, quando realizado o seguinte questionamento – **Vocês costumam brincar aqui na escola?** – as crianças respondem:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Eu gosto de brincar na escola, mas na escola é lugar de estudar. (criança 10)

Eu brinco na escola, mas na escola é lugar de aprender, de ler, de aprender a ler. De ser educado. (criança 11)

A gente brinca na quadra, na biblioteca, mas na escola é hora de estudar. (criança 12)

Como foi possível perceber nas falas das crianças que frequentavam o primeiro ano do Ensino Fundamental, a brincadeira existe no espaço escolar, mas no Ensino Fundamental ela passa a ocupar um lugar de pouca relevância, adquirindo um sentido desvinculado da prática curricular que se caracteriza como ensino-aprendizagem. Borba (2007), sobre essa desvalorização do brincar no Ensino fundamental, aponta que:

Nesse aspecto, a significativa produção teórica já acumulada afirmando a importância da brincadeira na constituição dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem não foi capaz de modificar as ideias e práticas que reduzem o brincar a uma atividade à parte, paralela, de menos importância no contexto da formação escolar da criança (BORBA, 2007, p. 34).

As respostas da seguinte questão – **Em qual espaço você brinca?** – revelaram que o local de brincar situa-se fora da sala, em locais como o pátio, a quadra, ressaltando a minimização do brincar em detrimento de outras atividades no contexto da sala de aula. Isto nos remete a pensar criticamente sobre o cotidiano escolar, o qual, na maioria das vezes, transforma-se em uma rotina caracterizada apenas por uma produção de atividades.

Quando questionados sobre quais seriam as atividades e o que mais estudavam, obtivemos os seguintes relatos:

Nós estuda as letrinhas, os numerais, botar os nomes, botar as datas. (Criança 2)

Continhas (Criança 7)

De fazer o nome, de escrever, de pitar. (criança 8)

De cobrir (criança 9)

As atividades mencionadas pelos alunos da educação infantil chamaram atenção por se assemelharem às atividades mencionadas também pelas crianças que frequentavam o Ensino Fundamental (primeiro ano), como podemos perceber a partir das falas trazidas abaixo:

Continha, tarefa, ler, contar nos dedos. (criança 13)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Tarefa de formar palavras, de continha... 2+2=4/ 5+5=10... (criança 16)

A proposta curricular do primeiro ano do ensino fundamental constitui uma problemática que preocupa por tratar-se de um novo desafio, desenvolver um novo currículo que contemple as necessidades de crianças ainda pequenas que passaram a frequentar o Ensino Fundamental. Sobre isso, Brandão (2009) aponta que:

[...] as atividades a serem desenvolvidas na “nova” primeira série do Ensino Fundamental (composta por crianças, na maioria, com seis anos de idade) não podem ser as mesmas atividades antes desenvolvidas na educação infantil nem constituir a antecipação pura e simples dos conteúdos desenvolvidos na “antiga” primeira série do Ensino Fundamental (composta por crianças, na maioria, com sete anos de idade). (BRANDÃO, 2009, p.24)

Sendo assim, percebemos, a partir das considerações do autor, a necessidade de uma reelaboração do currículo do Ensino Fundamental, por tratar-se de uma situação específica. Percebemos também, com base nas falas, como é presente essa antecipação de conteúdos já mesmo na Educação Infantil e ainda mais no Ensino Fundamental, de conteúdos que eram trabalhados, até então, na antiga 1º série.

No que tange às relações entre adultos e crianças, percebemos como é forte a imagem do adulto que ensina, que detêm o conhecimento, por parte das crianças. Foi feito o seguinte questionamento – **O que você aprende com os adultos? E com as outras crianças?** – e foram obtidas as seguintes respostas:

Aprende a se comportar, a ler. Mas com os outros coleguinhas não aprende. (criança 10)

Adultos: Respeitar, obedecer, não dizer palavrão. Crianças? Brincar. (criança 13)

Essa forma como as crianças descrevem o que aprendem com os adultos nos remete à ideia de moralização, onde a criança - ainda na infância - deverá ser treinada, conduzida para que tenha um comportamento adequado na vida adulta. A ideia de infância que emerge das falas encontra-se muito ligada a ideia etapista e desenvolvimentista, que a vê como alguém “que se tornará” e não como alguém que já é, que já possui direitos, que já é sujeito.

CONCLUSÕES

Em linhas gerais, as falas das crianças entrevistadas nos revelam que os significados atribuídos à infância, que emergem do cotidiano das instituições de Educação infantil e Ensino Fundamental, aproximam-se de uma concepção desenvolvimentista, que considera a infância como



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

uma etapa da vida. Atrelado a essa concepção, as práticas desenvolvidas na educação infantil estão majoritariamente focadas em um processo de escolarização voltada, sobretudo, para a consolidação das metas do ensino fundamental. Assim, atividades escolarizantes acabam vencendo qualquer iniciativa mais aprendente do mundo dessas crianças.

Os fazeres e os aprenderes voltados para essa cultura mais “escolarizante” acabam excluindo, muitas vezes, outras dimensões próprias da infância. Fica evidente, por exemplo, na fala das crianças a minimização do brincar em detrimento de outras atividades. Isso nos aponta a necessidade repensar o fazer e o aprender no cotidiano escolar das crianças atentando, sobretudo para o lugar da criança e da infância nesse contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Ângela Meyer. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Org.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca Paschoal; DELGADO, Jaqueline. (org.). **Ensino fundamental de nove anos: teoria e prática na sala de aula**. São Paulo: Avercamp, 2009.

KOHAN, Walter Osmar. **Infância. Entre Educação e Filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KRAMER, S. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental**. Educação & Sociedade [online], Campinas, v. 27, n. 96, p.797-818, out., 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313708009>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

PINTO, Manuel. SARMENTO Manuel (Orgs.). **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Universidade do Ninho, 1997.